

Texto sobre psicanálise atual para o congresso CONVERGENCIA de MAIO de 2025

Retorno ao nosso título Mal-estar, castração, alteridade para abordar a situação atual em que o ataque à lei simbólica nos coloca diante de um cenário global de tipo dominado/dominante-culpado/vítima e de um silenciamento de muitos analistas. Desconforto, ou seja, o gozo do mal, o mal do próximo devido à existência do sexual na civilização, e os paradoxos dos gozos que são gozos semióticos e caminham em direção à paz, ou podem estar além do significado com destruição violenta.

Vamos nos referir a A Bíblia e os Evangelhos: “ame o seu próximo como a si mesmo”. Medo de Freud como de Lacan (lição 15 de Ética da Psicanálise de 1960) por causa desse gozo do mal do próximo, no fundo de si mesmo. Como então uma neurose surge hoje diante do vínculo entre o direito e os impulsos da ética analítica? Daí a necessária sublimação em direção à lei e o chamado ao ser do Outro que introduz a alteridade, a falta no outro, a castração. E a castração materna justamente em atos terroristas.

Sublimação aqui com a morte do pai por assassinato simbólico, monoteísmo inscrito pela repressão do assassinato do fundador. Esse simbolismo pode cessar e aqui está a guerra contra os assassinatos, a crueldade, o trauma do terrorismo islâmico atual através de sua ação política de ódio aos judeus, através da exclusão dessa função do pai simbólico, portador da lei que deixa os impulsos dessublimados sob a égide da matriz arcaica. A realidade está aqui dividida entre a psicanálise na intenção e a psicanálise na extensão.

A Psicanálise Atual se apoia em um texto de Freud para avançar em seu trabalho sobre a violência no mundo e na mídia devido à ruptura do equilíbrio entre a lei resultante do assassinato simbólico do pai e os impulsos de destruição.

Daí o questionamento de A Psicanálise atual através da guerra no Oriente Médio e da guerra da mídia global contra os judeus e Israel para expulsá-los do mundo com base em manobras de propaganda islâmica do Irã, Hamas e Catar. Para reverter o ataque genocida de 7 de outubro com esta terrível tomada de reféns israelenses pelo Hamas, que também usa sua própria população como escudo humano. E daí fazer uma inversão acusatória dos judeus de serem genocidas. E isso com imagens cristãs capturando o Ocidente, imagens da morte de crianças palestinas a ponto de passar para suas redes, o que colegas analistas aceitam, que haveria drones israelenses, fabricados para acabar com crianças palestinas feridas. Antiga acusação de antissemitismo de sempre.

Eis o extrato de O Homem Moisés e a Religião Monoteísta [1] (1938), Freud, sobre o Islã, avança: "...a fundação da religião muçulmana aparece como uma repetição abreviada da fundação do judaísmo, do qual se manifestou como uma imitação. Parece, de fato, que o profeta pretendia inicialmente adotar o judaísmo em sua totalidade para si e para seu povo. A recuperação do único e primitivo Grande Pai Abraão produziu entre os árabes uma extraordinária elevação de sua autoconsciência, que levou a grandes sucessos temporais, mas também se esgotou neles"... "Alá se mostrou muito mais grato por seu povo escolhido do que Javé se mostrara anteriormente ao seu. Mas o desenvolvimento interno da nova religião logo estagnou, talvez por lhe faltar a profundidade que o assassinato do fundador da religião produziu no caso judaico. »

Daí o triunfo dos assassinatos como um ideal matricial não limitado pela lei paterna. Freud insiste que tal assassinato do pai seja repetido vezes suficientes para se tornar texto: "A humanidade sempre soube como matar um pai antes e novamente antes." Freud insiste no

fato de que essa função deve ser abordada como se fosse o indivíduo, permitindo uma leitura do coletivo, o que também significa que as condições para tal estabelecimento do terrorismo podem surgir em outras nações, outros grupos além do islamismo, que atualmente tanto nos preocupa... E rompe os laços entre os psicanalistas.

Jean-Jacques Moscovitz